

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

KENNEDY SANTOS BEZERRA

FÚRIA DOS TITÃS: SONS E IDEIAS DO BRASIL REPUBLICANO

São Cristóvão-SE

Setembro de 2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

KENNEDY SANTOS BEZERRA¹

FÚRIA DOS TITÃS: SONS E IDEIAS DO BRASIL REPUBLICANO

Artigo entregue ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão-SE

Setembro de 2018

¹ Acadêmico de História na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE. Bolsista PET (MEC/FNDE) kennedyomago_@live.com

Resumo

No início dos anos 1980, quando o Brasil vivia um processo de fim da Ditadura Militar, estourou na cidade de São Paulo uma banda de rock, com várias influências rítmicas e sonoras, como a new age, o punk e até mesmo MPB. Desse modo, as canções do Titãs refletiram por mais de 30 anos o ambiente político e social do país, numa fase muito complicada para a juventude, pois esta precisava lutar por direitos. Nosso propósito é mergulhar neste universo, observar aspectos relevantes do grupo musical paulistano, à luz da História Cultural, e compreender a República Brasileira a partir da relação teórico-metodológica entre História e Música, frente, sobretudo ao aumento do interesse e dos estudos a respeito. Para tanto, sendo realizadas leituras sobre a história do rock, desde seu início nos EUA e suas nuances, bem como sua relação com as bandas brasileiras, ou seja, de que forma as letras das canções dialogam com o raciocínio crítico dos brasileiros.

Palavras-Chave: Rock; Brasil; Titãs; História Cultural.

Abstract

In the early 1980s, when Brazil was experiencing a process of ending the Military Dictatorship, a rock band broke out in São Paulo city, with various rhythmic and sonorous influences such as new age, punk and even MPB. Thereby, the Titãs' songs (Titans' songs) reflected for more than 30 years the political and social environment of the country, in a very complicated stage for the young, because they needed to struggle for rights. Our intention is to dive in this universe, to observe relevant aspects of paulistan musical group, in the light of Cultural History, and to understand the Brazilian Republic from the theoretical-methodological relation between History and Music, especially with the increase of interest and studies about it. For that, being readings about the history of rock, from its beginning in the USA and its variants, as well as its relation with the brazilian bands, that is, how the lyrics of the songs dialogue with the critical reasoning of the brazilians.

Keywords: Rock; Brazil; Titãs (Titans); Cultural History.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	6
2 MARCOS CONCEITUAIS	6
2.1 BASES TEÓRICAS	6
2.2 METODOLOGIA	7
3 O SURGIMENTO DO ROCK E SEUS PRECURSORES.....	7
3.1 O CRESCIMENTO DAS MÚSICAS DE PROTESTO NOS ANOS 50, 60 E 70	7
4 O PUNK REAFIRMANDO CANÇÕES CONTESTATÓRIAS	10
5 O HEAVY METAL E ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS	11
6 PRIMEIRAS APARIÇÕES DO ROCK NO BRASIL	11
6.1 MÚSICAS SOFISTICADAS E COMERCIAIS.....	11
6.2 A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE TV E O TEATRO NO CENÁRIO MUSICAL ..	12
7 HOSTILIDADES DE MÚSICOS À DITADURA MILITAR.....	13
7.1 ASPECTOS HISTÓRICOS.....	13
7.2 PASSEATA DOS 100 MIL.....	13
7.3 ROCK COMO INSTRUMENTO CONTRA O REGIME MILITAR	14
8 A BEATLEMANIA E SUA RELAÇÃO COM UM DETERMINADO MOMENTO MUSICAL BRASILEIRO	15
8.1 O ROCK IÊ-IÊ-IÊ E O PERFIL DOS BEATLES.....	15
8.2 ARTISTAS PROMISSORES E A FORÇA DOS LPs.....	16
9 ALGUMAS BANDAS QUE IMPULSIONARAM O ROCK DOS ANOS 80	17
9.1 A ASCENSÃO E OS IMPREVISTOS DO BARÃO VERMELHO	17
9.2 O IMPONENTE SUCESSO DO RPM E O ENVOLVIMENTO DE SEUS INTEGRANTES COM DROGAS	18
9.3 BANDAS REVELADAS E A INÉDITA TURNÊ INTERNACIONAL DOS PARALAMAS DO SUCESSO	20
9.4 IRA! FAZ SHOW NO HOLLYWOOD ROCK , LEGIÃO URBANA E CAPITAL INCIAL SEGUEM O LEGADO DO ABORTO ELÉTRICO	21
10 A FÚRIA DOS TITÃS.....	22
10.1 A ORIGEM DA BANDA	22
10.2 O MERCADO MUSICAL E O INÍCIO DA VEIA PUNK DOS TITÃS	24
10.3 CONTEXTOS HISTÓRICOS DAS CANÇÕES.....	26
10.4 A RELAÇÃO DAS MÚSICAS BRASILEIRAS COM O ERUDITO E O COMERCIAL	29
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 APRESENTAÇÃO

O rock teve origem nos EUA, década de 1950, a disseminação do novo ritmo musical através de Beatles, Elvis Presley, Ramones entre outros, o tornou instrumento de mudanças comportamentais, sobretudo de jovens em diversos países, inclusive o Brasil, pois sempre houve nestes locais a busca por meios de reivindicar direitos e obrigações consideradas justas. Desse modo, algumas letras das bandas brasileiras do gênero, dão a dimensão de momentos por vezes conturbados no processo de fim de Ditadura Militar e redemocratização, bem como as consequências de planos de governo trazidos por cada gestor que assumiu a presidência ao longo dos anos. Além disso, a influência de Tropicália e Jovem Guarda, a alta vendagem de discos, a popularização de Rádios e TVs, o crescimento de gravadoras explicitam a repercussão obtida pelas canções de protesto.

Assim, Titãs, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho e os demais conjuntos que alcançaram o estrelato munidos de rebeldia, preocupações, projeções, análises econômicas, sociais e políticas, trouxeram novos debates, discos, discursos e textos polêmicos absorvidos por seus admiradores a partir dos anos 80.

2 MARCOS CONCEITUAIS

2.1 BASES TEÓRICAS

O presente artigo está embasado, teoricamente, por autores que trabalham os conceitos de biografia, música, História Cultural, a trajetória do rock, bem como o processo brasileiro de redemocratização.

Para tanto, o trabalho intelectual do jornalista Paolo Hewitt dá a noção da relevância do rock e os principais grupos ao redor do mundo, assim como Ricardo Alexandre e Dapieve reafirmam a identidade do ritmo e sua força no Brasil, pois algumas destas canções abordam temas relevantes para historiadores, economistas, antropólogos etc.

Desse modo, para contar a história de determinados indivíduos, foram realizadas leituras a respeito de Prosopografia, entendendo os padrões de relações e atividades via estudo da biografia da coletividade ou individualidade de um sujeito, termo contido nos estudos do historiador François Dosse. Além disso, as teorias do filósofo Adorno em relação ao popular e o erudito enriquecem este trabalho. Por fim, Alzer e Marmo, biógrafos dos Titãs, detalham a

trajetória das canções do grupo, enquanto os escritos do sociólogo Mario Grangeia, expressam contextos históricos do fim da Ditadura Militar brasileira.

2.2 METODOLOGIA

A partir da análise da historiografia e das discussões teóricas sobre a temática, metodologicamente, o trabalho consistiu no levantamento e análise de livros, artigos científicos, revistas, documentários, CDs e DVDs relacionados à história do rock com suas vertentes, Titãs e os grupos mais conhecidos, sobretudo no Brasil. Ou seja, alguns trabalhos que foram lançados desde o início do gênero musical, bem como a trajetória da banda paulistana.

Portanto, foi necessário perceber os mais variados momentos musicais pelos quais o Brasil passou até que se chegasse ao rock com seus temas subversivos, além de citar a relação dos roqueiros com a situação econômica do país no decorrer das décadas.

3 O SURGIMENTO DO ROCK E SEUS PRECURSORES

3.1 O CRESCIMENTO DAS MÚSICAS DE PROTESTO NOS ANOS 50, 60 E 70

Em 1956, segundo Hewitt (2013), durante um crescimento econômico nos Estados Unidos e a ascensão de Elvis Presley ofuscando a popularização do jazz, surge uma mudança na rotina de jovens, através disso, estes perceberam que não precisavam obedecer a tudo que lhes era imposto, mas sim, procurar seus direitos. Presley começou sua carreira em 1954, posteriormente os sucessos “Heart break Hotel” e “Blue Suedes Shoe” o tornaram um dos cantores mais famosos e polêmicos do país, chegando a vender um bilhão de discos no decorrer de sua carreira. Desse modo, na Grã-Bretanha, John Lennon, Paul McCartney, Pet Townshend, Keith Richards, Ray Daves entre outros, inserem-se nesta tendência e tornam-se músicos.

Além disso, Robert Nesta Marley, conhecido como Bob Marley, em 1966 já fazia parte ao lado dos músicos Bunny Wailer e Peter Tosh, de uma banda chamada The Wailers. Em suma, os álbuns “Catch a Fire” e “Exodus” obtiveram êxito na Jamaica e exterior. Apesar de ser considerado um dos pioneiros do reggae, Marley era oriundo de várias influências, por exemplo, sua gravadora o divulgava como artista roqueiro, o que lhe trouxe ainda mais reconhecimento, assim como seus ideais de paz e união.

Sem dúvida, a música negra passaria também por mudanças, pois militares afro-americanos após a Segunda Guerra Mundial e em busca de melhores condições de vida expressavam seus desejos por meio de arte. Assim, surgem ska, reggae e rap. De fato, Sam Cooke representava esperança em meio ao racismo, seu trabalho com elementos de soul e pop, focava em atingir e unir todas as etnias, o cantor foi um dos primeiros artistas negros americanos a possuir selo e editora musical.

Apesar de iniciado no folk, Bob Dylan inseriu-se no rock a partir de 1967, seu disco “Like a Rolling Stone” é considerado um dos mais importantes da história segundo Hewitt (2013), neste ano é criado o selo Motown. Dessa forma, diversos artistas produziram trabalhos relevantes, arrecadando trinta milhões de dólares para a empresa. Portanto, apareceram em destaque à época: Four Tops, Martha and Vandelas, Marvin Gaye e Tammi Terrel. Embora Marvin tenha se destacado também por sua estética, o cantor abordou os problemas sociais dos EUA em suas fronteiras e no Vietnã, o que contribuiu para sua expressiva venda de compactos.

Por outro lado, as restrições no ramo musical são bem antigas, seus censores se diziam os mais atentos para observar o que teria ou não caráter ético. Por exemplo, músicas que associassem entidades religiosas ao ser humano eram proibidas. Uma canção de 1954, chamada “Hold My Hand”, foi perseguida por aparentemente comparar mulheres com paraíso, além disso, arranjos eruditos não poderiam ser simplificados em regravações. De maneira idêntica, na Inglaterra não poderia haver apologia a sexo e drogas em hits, porém muitos temas estavam implícitos, estas gravações algumas vezes ao serem comercializadas geravam grande procura de admiradores e curiosos, afirma Hewitt (2013). “Na década de 1930, a British Broadcasting Corporation criou uma comissão para decidir o que era aceitável para as transmissões e consequentemente, para a moral pública” (HEWITT, 2013, p.186).

Certamente, o interesse por dinheiro e fama muitas vezes traz mudanças às canções, não há gênero musical isento disso, o que está no auge pode ser substituído no dia seguinte, as alterações ficam evidentes em alguns singles das décadas de 60 e 70, bem como sempre houve maneiras de devolver temas desafiadores e altruístas a letras que traziam abordagens ingênuas.

Por isso, permanecendo na linha rebelde, os grupos Primal Scream, Nirvana, Oasis, Stone Roses, Happy Mondays são respeitados e lembrados até os dias atuais como referências de indignação, resistência. Igualmente, cinema, teatro, livros, moda e televisão passaram a fazer parte do dia a dia das pessoas por volta de 1965, e a música “My Generation” de The

Who, considerada no prêmio Grammy como uma das 500 músicas que deram forma ao rock, sintetiza a nova era, porque fala da relação entre adultos e adolescentes, ou seja, dá voz a quem sempre foi visto como inexperiente, tornando-se o primeiro trabalho subversivo bem-sucedido na Inglaterra e assegurando inspiração para futuros letristas, estes questionavam a inteligência dos sujeitos que se apoiavam apenas no fato de estarem no mundo há mais tempo. Ou seja, “as bandas eram do povo para o povo. Em músicas e entrevistas, afirmavam o desejo por essa liberdade. Junto com seu público, não queriam que velhotes² sem identidade lhes dissessem o que vestir, ouvir ou assistir” (HEWITT, 2013, p.7).

Vindo dos EUA com influências de blues, country e promovendo uma potencialidade comercial, o rock and roll chega à Inglaterra a partir do final década de 1950, sua junção de ritmos que até então possuíam públicos distintos, unificou grupos formados por indivíduos em condições financeiras desiguais, mas que convergiam em um ideal, absorver ao máximo as mensagens deixadas pelas canções, pois para estas pessoas seria possível mudar a sociedade através deste movimento inédito. Indubitavelmente, segundo Hewitt (2013), Mick Jagger elogiava hippies de Nova York, colocava em dúvida os planos da Guerra do Vietnã, contestava a perseguição a homossexuais, bem como John Lennon pregava a paz mundial, abordava a discriminação sofrida por irlandeses, negros e mulheres. Assim, com estes e outros debates, a comunidade roqueira logo ganhou popularidade internacional, ocasião em que passou-se a escrever muito sobre as bandas em revistas e jornais, embora o novo ritmo ainda não passasse pela análise dos grandes críticos, pois estes estavam focados em música erudita até o final da década de 1970.

Desse modo, Beatles e Rolling Stones, por exemplo, foram gradativamente fortalecendo entre os cidadãos de vários países a ideia de que o rock não se tornaria um fato passageiro e que este levaria consigo aspectos culturais suficientes para formar consciências críticas e mudanças de comportamento relevantes, úteis. De fato, o que impulsionou intelectualmente o novo gênero musical, foi a presença deste em ambientes universitários. Sem dúvida, em 1966, o empresário Andrew Loog Oldham levou os Stones às paradas de sucesso, ele era bom negociador, criou a gravadora Immediate Records e também acompanhou de perto composições clássicas da banda. Abaixo se vê a impressão de Paolo Hewitt, autor de *50 Fatos que Mudaram a História do Rock*, a respeito de Oldham:

² O autor Hewitt não generaliza nem pretende ofender os adultos, ele utiliza o termo “velhote” para enfatizar a revolta que os jovens sofrem ao serem oprimidos, sobretudo por líderes de sistemas políticos.

A música pop gera dois tipos de empresários. Há os intimidadores, que não se importam de recorrer à violência física e psicológica para conseguir o que querem. Então vêm os espertos: aqueles que propõem mudanças, os que botam pra quebrar, os malandros. Andrew Loog Oldham pertencia à segunda categoria. E depois ele a superou. Ninguém entendia o pop como Oldham. Ele sabia tudo a respeito, como os fãs pensavam, como os músicos trabalhavam e como a imprensa funcionava. Isso fez com que ele se transformasse em uma das forças mais formidáveis da história da música pop dos anos 1960. Não é por acaso que tenha trabalhado tanto para os Beatles quanto para os Rolling Stones (HEWITT, 2013, p.29).

Além disso, em 1967 ocorreu o Monterey Pop Festival, um evento que privilegiava algo que estava em ascensão, em suma, os movimentos underground em meio a um universo pop. Assim, Jimi Hendrix e Janis Joplin foram revelados, fortalecendo ainda mais a cena neste que foi considerado o primeiro grande festival de rock.

4 O PUNK REAFIRMANDO CANÇÕES CONTESTATÓRIAS

De maneira idêntica, o cenário fora das gravadoras é reforçado com o surgimento em 1974 do polêmico punk com Ramones, Blondie, Talking Heads e outros. Estas bandas tocavam sem a presença de longos solos de guitarra e compuseram, geralmente, com três acordes maiores, desprezando arranjos elaborados, mas seguindo pensamentos de cidadãos politizados. Para tanto, as informações sobre shows eram divulgadas em fanzines produzidos por fãs, pois a reformulação de valores que os músicos pretendiam promover passava pelo fato de serem independentes em seus textos, não havendo a interferência de jornalistas. Em suma, Alexandre (2013) explica a forma humilde na qual se passou a fazer álbuns: “Ninguém ainda havia bradado, tão alto quanto necessário, “chega de saudade”, chega de produções caras, de gravadoras multinacionais com piscinas, de padrinhos famosos, de arranjos de cordas gravados em Los Angeles” (ALEXANDRE, 2013, p.57).

Em *Dias de Luta* Ricardo Alexandre explica que no Brasil, durante o auge dos movimentos sindicalistas, os punks eram jovens decepcionados que após o arrocho salarial de (1968-1973), haviam começado a trabalhar muitas vezes de maneira precoce, porém perderam seus empregos com as crises dos anos 80, pois a inflação chegou a ultrapassar 100%. Assim, enxergava-se a música como uma oportunidade de dar voz à ampla quantidade de indivíduos considerados excluídos, possuindo desse modo identidade, algo que logo obteve êxito em São Paulo. Entretanto, houve interpretações equivocadas a respeito de quem tentava debater, pois estes foram algumas vezes confundidos com baderneiros violentos.

5 O HEAVY METAL E ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS

Outro segmento musical importante que se desenvolveu nos EUA e na Inglaterra nos anos 60 e 70, foi o heavy metal, o grupo Led Zeppelin é apontado por Hewitt (2013) como um dos precursores de tal ritmo, algo que no Brasil recebeu destaque em 1985 como um som de vozes potentes, guitarras fortes e letras que possuíam o intuito de dialogar com as classe sociais baixas. Assim, sobre a relação destas canções e o país, Ricardo Alexandre explica:

Embora o heavy metal tenha sido descoberto na grande mídia junto com o Rock in Rio, em 1985, desde pelo menos três anos antes se ensaiavam as distorções em solo brasileiro. O primeiro disco do gênero no país data de 1982, o mesmo ano de “Você não soube me amar”. E Stress, do grupo paranaense de mesmo nome. O marco seguinte foi o lançamento da coletânea SP Metal, da Baratos Afins, reunindo os paulistas Salário Mínimo, Avenger, Vírus e Centúrias. Com um pé no rock pauleira dos anos 70 e outro na pretensão do heavy metal moderno inglês de grupos como Iron Maiden. (ALEXANDRE, 2013, p.383).

Músicos brasileiros sem apoio de gravadora e compondo trabalhos que não eram bem-vindos nas rádios, atingiram índices inimagináveis no cenário metal internacional, a banda mineira Sepultura com seu terceiro trabalho, o disco “Beneath the remains”, chegou a 21 países com direito à turnê nos Estados Unidos e Europa.

6 PRIMEIRAS APARIÇÕES DO ROCK NO BRASIL

6.1 MÚSICAS SOFISTICADAS E COMERCIAIS

De fato, os próprios punks criticavam canções da MPB que não possuísem conteúdo contestatório. Por outro lado, após o surgimento de novos ritmos nos anos 60, as pessoas passaram a levar música popular muito a sério no Brasil, em todos os aspectos, propriamente literários, musicais e políticos. Não obstante, havia rivalidades, entre MPB x Jovem Guarda, bossa nova x samba tradicional, entre música sofisticada e música comercial. Assim, na escrita de Caetano Veloso (1997), percebe-se o cenário cultural sobreposto às vontades pessoais: “Eram todos jovens da minha idade e punham a curiosidade e o desejo de enriquecer o ambiente musical brasileiro à frente das ambições egóticas” (VELOSO, 1997, p. 125).

6.2 A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS DE TV E O TEATRO NO CENÁRIO MUSICAL

Certamente, o rock assim como a bossa nova, não surgiu com a ideia de fazer músicas sofisticadas, mas ele é responsável pela quebra do estilo convencional, consolidando em si o prestígio oriundo da música clássica. Desta forma, diversas músicas foram cantadas nas tardes de domingo da TV Record na década de 1960, esta que à época era a “casa” da música brasileira, porque havia se especializado no ramo como nenhuma até o surgimento da emissora MTV. Indubitavelmente, as canções criticavam a exploração dos trabalhadores nos latifúndios, abordavam temas econômicos e etc. Abaixo mostra-se a inspiração de Gilberto Gil nos Beatles e a vontade de Caetano Veloso em dialogar sobre questões a respeito da falta de direitos dos cidadãos:

Na verdade, foi uma composição de Gil, “Bom dia”, segundo ele influenciada pelos Beatles, que sugeriu a fórmula. A lição de que, desde o início, Gil quisera aprender dos Beatles era a de transformar alquimicamente lixo comercial em criação inspirada e livre, reforçando assim a autonomia dos criadores e dos consumidores. Por isso que os Beatles nos interessam como o rock’ n’ roll americano dos anos 50 não tinha podido fazer. O mais importante não seria reproduzir os procedimentos musicais do grupo inglês, mas a atitude em relação ao próprio sentido da música como fenômeno. Sendo que no Brasil, isso deveria valer por uma fortificação da nossa capacidade de sobrevivência histórica e de resistência à opressão (VELOSO, 1997, p.170).

Com certeza, grandes sucessos eram os programas de auditório. Assim, Raul Seixas começou a ser conhecido ao mesmo tempo do Tropicalismo, este artista trouxe o rock para a convivência de questões importantes, o que foi decisivo para que o baiano pudesse por em prática suas ideias nas paradas de sucesso. Sem dúvida, o cantor falava fluentemente inglês e ouvia músicas internacionais, porém tinha dificuldades no idioma português. De certa forma, a produção cultural, principalmente o teatro tinha a responsabilidade de veicular os protestos. Por exemplo, dois espetáculos destacavam-se: “Arena Conta Zumbi” e “Arena Canta Bahia”.

Igualmente, em 1964, os estudantes eram em sua boa parte politizados e a música popular tinha o poder de criar debates e gerar decisões importantes para a classe política brasileira e para a própria cultura nacional, assim, a imprensa divulgava detalhadamente os festivais, pois eram ponto de encontro entre os alunos e a maior parte dos telespectadores.

Estes eram, conseqüentemente, em maior número do que os compradores de LPs. Desse modo, Castanho (2013) fala da relevância do rock na TV dos anos 60:

O rock brasileiro também tinha seu espaço na mídia e conquistava muitos fãs, por exemplo com o movimento Jovem Guarda, em 1965, e o programa da TV Record, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, que mesclava música, comportamento e moda sob a perspectiva de temáticas românticas, badaladas e sem cunho político. A Jovem Guarda deu origem a uma música brasileira em sintonia com a principal influência do movimento: o rock americano e britânico da época (CASTANHO, 2013, p.17).

7 HOSTILIDADES DE MÚSICOS À DITADURA MILITAR

7.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Tudo isto acontecia em época de Ditadura, o primeiro governo militar ficou sob a tutela do ex-pracinha Marechal Castelo Branco, o ministro do planejamento era o economista Roberto de Oliveira, o ministro da Fazenda Gouveia de Bulhões. O ex-presidente João Goulart cedendo às pressões, mudou-se para o interior do Uruguai. Assim, os militares assumiram o país afirmando que seu governo não seria duradouro, ressaltando sua rivalidade com o comunismo, bem como a ideia de estabilizar a economia e por fim à corrupção. Entretanto, Castelo Branco prolongou seu mandato para depois das eleições que viriam, ou seja, assegurou o poder em mãos militares. Por isso, Veloso na obra *Verdade Tropical*, descreve assim o então governante: “Em retrospecto parece sensato e produtivo, era então a encarnação do mal: ainda não conhecíamos Garrastazu Médici. Nem ao menos achávamos que podíamos acreditar nas palavras de Castelo quando este dizia que não se demoraria na presidência” (VELOSO, 1997, P.314).

7.2 PASSEATA DOS 100 MIL

Portanto, autores, atores, cantores, diretores uniram-se numa espécie de resistência à ditadura. Realmente, em 1967 e 1968, quando o presidente era Artur da Costa e Silva, ex-ministro do Exército, as atitudes subversivas de combate à ditadura saíram de eventos que ocorriam nos teatros e foram para as ruas, assim, a luta por direitos ganhava espaço, assim como líderes estudantis, embora já em 1965 existissem meios de gritar “abaixo a ditadura”, portanto, antes de começarem a crescer os movimentos que mobilizassem multidões.

Por outro lado, em São Paulo sentia-se uma grande indiferença e até desprezo por parte da população com relação a passeatas, comportamento que não ocorria no Rio de Janeiro, pois o povo estava sempre nas ruas.

No entanto, no dia 13 de dezembro de 1968, o governo militar lançou o Ato institucional número cinco (AI5), extinguindo o habeas corpus, a polícia, a partir disto, passou a ter o direito de invadir domicílios. Desta forma, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos, pois eram suspeitos de participarem de um encontro chamado Passeata dos 100 mil, na qual estavam vários artistas brasileiros protestando, entre eles roqueiros de várias classes. Em suma, dentro das selas ouviam-se os barulhos das torturas, os policiais alegavam que os cidadãos eram encarcerados para que houvesse um interrogatório, mas os meses passavam, os presos, muitos deles músicos, foram transferidos para presídios cada vez piores e o dia de prestar depoimento diversas vezes demorava.

7.3 ROCK COMO INSTRUMENTO CONTRA O REGIME MILITAR

Com efeito, no mesmo período da bossa nova, de João Gilberto, canções, com guitarras cada vez mais em evidência e menos dançantes, aliadas a letras menos comerciais foram ganhando espaço e deixando o status de ‘bregas’. Exemplo disso, a já obsoleta *Biquini de Bolinha*. Assim, havia festivais que contestavam a Ditadura, por exemplo a presença de Júlio Barroso em um grande evento da Globo nos anos 70, abrindo espaço para canções de teor parecido com as de Geraldo Vandré. Decerto, em 1977 já ouvia-se em São Paulo, Sex Pistols e The Clash, havendo a adesão anarcopolitizada de operários da Freguesia do Ó e Vila Carolina em um salão de debates na Zona Leste do município. Desse modo, segundo Dapieve (2015), a partir disto o rock passou a ser útil e perigoso no bom sentido da palavra, e eliminado qualquer visão de que o ritmo seria algo supérfluo.

Em suma, o rock brasileiro precisou eliminar rótulos, seus admiradores, sobretudo durante três décadas, lutaram para não serem interpretados como marginais, até mesmo na época da Jovem Guarda. Ou seja, o ritmo era visto como passageiro e alheio à cultura brasileira, por outro lado, em Taubaté, na década de 1960, Tony e Celly lançaram os hits *Pertinho do Mar*, *Banho de Lua*, *Estúpido Cupido* entre outros. Estes trabalhos com letras em português foram na contramão do que era feito até então, pois escrever em inglês era comum para quem começava a compor canções com inspiração internacional, isto foi importante para dar “oxigênio” ao novo momento.

À medida que se adaptava ao idioma brasileiro, o chamado “BRock”, segundo Dapieve (2015), deu sequência ao anterior auge da MPB, inspirado-se no verão punk anglo-americano, ou seja, jovens instrumentistas iniciantes com suas inovadoras letras, utilizavam seus ideais repletos de atitudes subversivas sobrepostas às suas dificuldades técnicas no quesito musicalidade, posto que ainda estavam amadurecendo artisticamente. Por isso, na mídia, houve a exaltação da veterana e respeitada música erudita e discriminações para os acordes e arranjos simplificados, como se não houvesse potencial nestes. Ainda que existissem questionamentos em relação às habilidades, os grupos não se intimidaram, pois a coragem de debater os problemas sociais foi uma motivação relevante e poderia obter seguidores.

8 A BEATLEMANIA E SUA RELAÇÃO COM UM DETERMINADO MOMENTO MUSICAL BRASILEIRO

8.1 O ROCK IÊ-IÊ-IÊ E O PERFIL DOS BEATLES

Naturalmente, na década de 60, ganhou notoriedade o movimento “juventude transviada” ao som de Sérgio Murilo, Ronaldo Cordovil e Ronnie Cord, tais compositores inspiraram os grupos The Fevers, Renato & Seus Blue Caps, além de um artista que seria conhecido como Tim Maia e o quinteto chamado de Os Incríveis, período em que Erasmo Carlos e Roberto Carlos já despontavam com *Calhambeque* e *Festa de Arromba*. Indubitavelmente, Segundo Dapieve (2015), os brasileiros da Jovem Guarda e Tropicália foram influenciados pelos Beatles desde o princípio: “Nessa época, o rock era conhecido como iê-iê-iê por conta de “She loves you” (“yeah, yeah, yeah...”), que os Beatles gravaram em 63” (DAPIEVE, 2015, p. 16).

John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr integravam a banda Beatles, esta surgiu em 1958, seus músicos participaram de filmes, programas de rádio, TV, produziram clipes, sofreram perseguição de admiradores histéricos e jornalistas. Lennon foi membro do conjunto até 1970, quando iniciou projetos solo, embora tivesse seu talento reconhecido e dinheiro, posteriormente deixou o estrelato em segundo plano para se dedicar a causas sociais e esquerdistas. De maneira idêntica, McCartney dedicou-se a obras de caridade, assim como tornou-se poeta desenhista e seguiu carreira de cantor. Certamente, segundo Hewitt (2013), todos os compactos e LPs do grupo estiveram entre os mais vendidos na Inglaterra, impulsionando um número alto de turnês. Desse modo, a forma de se vestir às vezes extravagante, a postura politizada, o romantismo e o talento melódico do quarteto de

Liverpool, desencadearam em um êxito mundial sem precedentes entre 1964-1966, e as nações americanas também foram exemplo:

Os Beatles aterrissaram a salvo nos EUA em 7 de fevereiro, e os acontecimentos daquela primeira viagem se revelaram nada mais do que extraordinários. Em dois dias, naquele vasto continente que tanto admiravam de longe, atraíram a maior audiência da história da tevê. Setenta e três milhões de norte-americanos sintonizaram o televisor, em uma noite fria para ver essa nova sensação cantar uma música no programa *The Ed Sullivan Show*. Notoriamente, relatou-se que o número de crimes cometidos em Nova York caiu naquela noite. Até os criminosos estavam fascinados pelos Beatles (HEWITT, 2013, p.23).

Influenciados pelos garotos de Liverpool e pela MPB, em 1968 o grupo Mutantes com Arnaldo Baptista, Sérgio Dias e RitaLee, lançou seu primeiro LP, *Os Mutantes*, ou seja, havia a preocupação de dialogar com os trabalhos de Gil, Caetano, Jorge Ben e Beatles pós-Revolver. Na verdade, com pessoas dedicadas a fazer arte, para Dapieve (2015), esta foi a primeira banda de rock propriamente dita, o que ressalta a forte presença da beatlemania no Brasil, um fenômeno que se tornou um dos mais importantes na trajetória musical da nação. Outrossim, canções como *2001* e *Caminhante Noturno* foram sucessos. Em suma, diversos artistas foram incorporados ao trio, em 1969, o baixista Liminha que se tornaria um dos produtores mais famosos e requisitados, entrou para a turma.

8.2 ARTISTAS PROMISSORES E A FORÇA DOS LPs

Decerto, houve também nos anos 60, projetos de garagem dos quais fizeram parte futuras figuras populares, por exemplo, Lulu Santos, Ritchie, Lobão e Raul Seixas, este integrou os Panteras, foi produtor e um dos nomes mais citados no pós-progressivo. Efetivamente, seu *primeiro* disco, lançado em 1973, já possuía hits, por exemplo *Metamorfose Ambulante*, *Mosca na sopa*, *Al Capone*. Do mesmo modo, por volta de 1974 e 1977 o baiano colecionou letras de impacto e conhecidas do público especializado até os dias atuais, entre elas *Gita*, *Eu nasci há 10 mil anos atrás*, *O dia em que a Terra parou*. Por outro lado, o fim de carreira de “Raulzito” não foi com a mesma disposição e êxito devido às drogas, embora tenha feito boas parcerias com Marcelo Nova, vocalista de Camisa de Vênus.

A indústria fonográfica dava sinais de que novos artistas de um determinado segmento seriam as apostas mais prováveis e merecedoras de investimento, por um lado havia pessoas

ansiosas por discursos questionadores, e de outro, adolescentes aprendendo a tocar seus instrumentos e gravando demos na esperança de serem chamados por grandes gravadoras com objetivo de lançar um compacto ou o tão sonhado LP, principal veículo de divulgação à época. Nesse sentido, em 1971, o Secos e Molhados que tinha Ney Matogrosso no vocal, lançou seu primeiro álbum, chegando a 700 mil cópias vendidas, eles tocavam folk, consolidando um cenário para a nova tendência.

9 ALGUMAS BANDAS QUE IMPULSIONARAM O ROCK DOS ANOS 80

9.1 A ASCENSÃO E OS IMPREVISTOS DO BARÃO VERMELHO

Segundo Dapieve (2015), a primeira banda com características BRock³ a se consolidar, foi a turma composta por Cazuza, Frejat, Maurício, Dé e Guto. Com efeito, o Barão Vermelho *lançou* seu primeiro LP em 1982, na mesma semana em que a Blitz lançava *As aventuras da Blitz*. Enquanto Evandro Mesquita e seus companheiros tinham músicas tocadas a todo momento nas rádios, vendas expressivas, posto que logo se tornaram fenômeno nacional, por exemplo chegando a 100 mil cópias em sua estreia e sendo observados pela repressão na perseguição em relação a duas músicas arranhadas pela Censura Federal para não serem ouvidas, a Som Livre recebia em seus estúdios, admiradores de *Todo amor que houver nessa vida*, composição de Cazuza e Frejat.

Na verdade, ambos passaram a se destacar e ganhar entrosamento com estúdios no segundo álbum do Barão, posto que a MPB no auge começara a apoiá-los, ou seja, Caetano Veloso e Ney Matogrosso chegaram a relatar em shows a admiração pelo conjunto, tornando-se uma espécie de padrinhos e contribuindo para alavancar o quinteto, que até 1984 tinha participação discreta no cenário musical do momento, isto deixou também sua gravadora satisfeita.

Além disso, o festival Bete Balanço contou com Lobão, Brylho, Celso Blues Boy, Titãs etc., simbolizando a popularização e o sincretismo que o rock promovia no Brasil, isto deu base para a chegada do Rock in Rio (1985), sempre citado como divisor de águas na relevância dos novos artistas. Certamente, com o passar do tempo, ficou nítida a repercussão do Barão em países do Sudeste e do Sul, gerando até LP ao vivo, além de uma regravação do Rolling Stones, seus ídolos: “Precedido pelo estouro de “Pro dia nascer feliz” e “Bete

³ Termo utilizado por Arthur Dapieve para nomear o rock brasileiro nos anos 80. Desse modo, para o autor, o movimento renovou a consciência política dos jovens, retratou o processo de redemocratização do país e ampliou consideravelmente, o número de canções cantadas em português.

Balanço”, o terceiro disco, *Maior Abandonado*, consolidou a imagem do rock brasileiro na mídia. Barão Vermelho, Blitz Paralamas do Sucesso, entre outros, já tinham carreiras consolidadas, respeito, atenção, afeto” (DAPIEVE, 2015, p. 71).

Por outro lado, em 1985, foi lançado *Exagerado*, primeiro trabalho de Cazuza após sua saída do Barão Vermelho, este que sob comando de Frejat nos vocais e sem seu cantor original, prosseguiu turnês e discos nos anos 1980, 1990, e 2000, passando por saídas de integrantes, bem como contando com participações de Arnaldo Antunes, Luis Fernando, Sérgio Serra. Em resumo, Cazuza também foi relevante solo, este lançou cinco álbuns em vida, o sexto foi póstumo, porque em 1990 o músico faleceu em decorrência do avanço da Aids, algo que foi noticiado em revistas e jornais, este tema inspirou debates e trouxe à tona homossexualidade, saúde pública e o sofrimento pelo qual passou o compositor, relatado em entrevistas.

9.2 O IMPONENTE SUCESSO DO RPM E O ENVOLVIMENTO DE SEUS INTEGRANTES COM DROGAS

Enquanto alguns músicos underground da futura geração 80, afastados de parentes que foram expulsos do país por serem acusados de sublevação, estavam na faculdade, o desassossegado cenário político brasileiro das décadas de 1970 e 1980, convivia com a esperança de anistia de muitos exilados, alguns destes foram políticos, outros eram artistas, os punidos tiveram em comum o alívio com a chegada das concessões em 1979. Assim, as inspirações atualmente ainda são recorrentes e voltadas a um período de renovação cultural, sobretudo a importância de estudar o que prosseguiu original artisticamente com a chegada dos anos 90, 2000:

Os anos 80 se foram, mas continuam pipocando por aí. São reverenciados na moda, nas artes, na atitude social e sexual e, sobretudo, na música. Os anos 80 estão de volta ou nunca se foram? Não se pode esquecer das imposições e mudanças que trouxeram, alterando todo o curso de uma geração – o surgimento da Aids, a transformação na moda, a new wave, o pós-punk, o fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim, as músicas panfletárias e as comerciais, que embalaram os sonhos e pesadelos de toda uma geração no Brasil e no mundo (MORAES, 2007, p.13).

Neste contexto, em meados dos anos 80, Paulo Ricardo, fã de Kiss, Rolling Stones, Queen, Led Zeppelin, Black Sabbath além de escritor e músico, montou em parceria com Luiz Schiavon, Fernando Deluqui e Paulo P.A, o grupo Revoluções Por Minuto. No entanto, o que estes não imaginavam era o sucesso absoluto e imediato que os aguardava, tanto que serve de parâmetro no quesito venda de discos até hoje, sendo comparado com Roberto Carlos, como atesta Moraes (2007). Na verdade, também cabe ressaltar o momento pelo qual passava a economia e o poder aquisitivo dos admiradores da banda, proporcionando a venda de três milhões de cópias em apenas um de seus lançamentos que como sempre possuía teclados peculiares e batidas dançantes: “O RPM foi a banda pop-rock brasileira que abalou as estruturas do mercado fonográfico nacional na segunda metade da década de 1980” (MORAES, 2007, p.18).

Em 1985, ano em que o RPM começava a assimilar a mídia que cercava a trupe, o hit *Louras Geladas* já estava há um bom tempo em evidência nas rádios, tornando-se o primeiro remix promocional na história da indústria fonográfica do Brasil, segundo Moraes (2007). Sem dúvida, há um processo de amadurecimento em que precisa haver equilíbrio mental para se saber lidar com pedidos excessivos de autógrafos, os mais variados assédios, as gravadoras EMI e CBS disputando a exclusividade do conjunto, originando uma sequência de novas sensações e negócios para indivíduos jovens até então. Com o intuito de lançar artistas, foi lançado por Paulo Ricardo e seus companheiros, o selo Revoluções Discos, mas foi gravado apenas o álbum do Cabine C, grupo do ex-titã Ciro Pessoa.

Nesse sentido, já na CBS, o primeiro compacto do RPM foi lançado no mesmo ano do LP chamado *Revoluções por minuto*, este alcançando 600 mil cópias comercializadas, contando com o apoio do empresário Manoel Poladian e uma turnê “cinematográfica”, na qual equipamentos inéditos no rock Brazuca eram transportados por grandes caminhões, este projeto apresentava de um lado otimismo, romantismo e de outro, questionamentos e abordagens a respeito de política. Desse modo, a popularidade das apresentações aliada à estrutura, resultariam no álbum *Rádio pirata Ao vivo*, obtendo este mais de 2 milhões de compradores.

Entretanto, no cotidiano de alguns músicos brasileiros estão as drogas, talvez timidez, curiosidade e a pressão da profissão contribuam para o ato, o pessoal do RPM consumia cocaína, segundo Dapieve (2015). Do mesmo modo, Lobão que integrou Vímana, os Ronaldos e Blitz, foi condenado a um ano de prisão devido à posse de drogas e Paulo Ricardo embora tenha sido absolvido, chegou a ser detido com maconha em 23 de outubro de 1986.

Por outro lado, após desentendimentos a respeito de direitos autorais e idas e voltas da banda, foi lançado em 1988 o LP *Quatro Coiotes*, este ultrapassou 170 mil cópias, um número alto se comparado às exigências de mercado, mas representa também uma drástica descida para os números anteriormente alcançados.

9.3 BANDAS REVELADAS E A INÉDITA TURNÊ INTERNACIONAL DOS PARALAMAS DO SUCESSO

Em 1985, no Rock in Rio, durante o show dos Paralamas do Sucesso, Herbert Viana elogia o rock nacional, Titãs, Lobão e a letra da música *Inútil*, período em que o Brasil acabou de escolher um novo presidente, o cantor destaca que o povo precisa ser mais consciente no voto. Em seguida, no mesmo concerto, surgem os primeiros acordes da música que até então havia sido gravada em um compacto de uma banda que ainda não tinha LPs lançados, o Ultraje a Rigor. Decerto, na primeira demo dos Paralamas em 1983, constariam os sucessos *Vital e sua moto*, *Encruzilhada agrícola-industrial*, *Patrulha noturna* e uma letra chamada *Solidariedade não* que seria censurada por questionar o regime militar da Polônia liderado por ditador Jaruzelski, deixando assim, ao contrário das outras canções, de ser tocada na Fluminense FM.

Desse modo, compostos por um trio de músicos, Herbert e seus parceiros Bi Ribeiro e João Barone assinaram contrato com a EMI, abrindo o caminho para Legião e Plebe Rude. Este último era um conjunto formado por André, Gutje, Jander e Philippe, eles chegaram a gravar o premiado filme *Ascensão e queda de quatro rudes plebeus*, além disso, seu primeiro álbum em 1986, também não deixou de ter espaço, posto que foi gravado em parceria com integrantes de Blitz, Kid Abelha, entre outros, e contou com a produção do vocalista paralâmico.

De acordo com Dapieve, após os dois primeiros álbuns, os Paralamas ainda faziam shows para plateias pequenas, porém a partir de novos trabalhos, o trio se consolidou, sobretudo nos LPs *O passo de Lui*, (1984), *Selvagem?* (1986). À medida que crescia a divulgação, a banda chegava a fazer mais de 100 shows em 1984, vendeu 100 mil cópias no terceiro lançamento e 300 mil no quarto. Do mesmo modo, em 1987 o trio gravou seu primeiro disco ao vivo em Montreux, este foi oriundo de uma turnê internacional inédita para o rock brasileiro e realizada em Portugal, Espanha, Uruguai, Argentina e Chile, segundo Dapieve (2015): “A mestiçagem de *Selvagem?* deu o empurrãozinho que faltava para a banda

deslancar uma carreira internacional como nenhuma outra brasileira jamais tivera” (Dapieve, 2015, p.88).

Decerto, dois anos depois, os gaúchos do Engenheiros do Hawaii, com o custeio do selo BMG em 1989, chegaram a fazer dez shows na Rússia, as cidades de Moscou e São Petersburgo receberam Maltz, Gessinger e Licks com direito a duas canções traduzidas para a língua local.

9.4 IRA! FAZ SHOW NO HOLLYWOOD ROCK , LEGIÃO URBANA E CAPITAL INICIAL SEGUEM O LEGADO DO ABORTO ELÉTRICO

Sob a influência de Pink Floyd, Led Zeppelin, Sex Pistols, Ramones entre outros, Renato Russo tornou-se compositor e músico, este dividia seus conhecimentos com Herbert Vianna na Colina, quadra da UnB (Universidade de Brasília), o local proporcionou o surgimento de encontros e parcerias artísticas que gerariam hits e bandas do rock nacional: “Em Brasília, o filho de militar (Herbert Vianna) e o filho de diplomata (Bi Ribeiro) eram apenas bons conhecidos entre tantos que, com o tempo, montariam bandas que atenderiam pelo nome Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial” (DAPIEVE, 2015, p. 81).

De fato, em 1984, segundo Marcelo (2012), a Ditadura prestava atenção às composições da Legião Urbana, por vezes seu vocalista foi interpretado arbitrariamente por censores como um letrista violento, individualista, reacionário, anarquista, propagador de apologias, pois era uma forma de justificar a proibição da circulação de suas canções, algumas destas após a leitura de esboços, foram analisadas minuciosamente após sua gravação e até mesmo era solicitada a substituição de palavras. Naturalmente, a gravadora argumentava que os temas escritos eram educação, padrões de conduta, família, entretanto na maioria das vezes em vão: “Sob o título de “Setenta e sete”, a música tinha sido submetida à censura e liberada em setembro de 1984. Avaliadas na mesma época, outras letras de Renato não têm a mesma sorte. “Baader-Meinhof Blues” é uma delas” (MARCELO, 2012, p. 284).

Em conformidade com o que diziam as letras do Aborto Elétrico, os instrumentistas Flávio Lemos, Felipe Lemos, Dinho Ouro Preto e Loro Jones lançaram o LP homônimo ao grupo *Capital Inicial*, marcando sua estreia na PolyGram, mesma empresa que projetou o quinteto Biquini Cavado (Bruno, Miguel, André, Álvaro e Coelho) que possuía os sucessos *Tédio* e *Múrias*, esta faixa foi reforçada com Renato Russo cantando ao lado de Bruno Gouveia. À guisa de conclusão, Dinho, sua trupe e o selo obtiveram 200 mil cópias

compradas por seus admiradores, estes podendo ouvir os sucessos *Música Urbana*, *Fátima*, *Leve desespero*. Além disso, o segundo trabalho, *Independência*, atingiu 100 mil vendagens, suas canções são lembradas nos dias atuais, pois o Capital já dura mais de três décadas, apesar de terem menos êxitos nos lançamentos seguintes, o conjunto se consolidou no seu acústico em 2000, recuperando o status de banda respeitada .

Assim como o Capital Inicial, o Ira! se apresentou no Hollywood Rock, foi um concerto decepcionante para todos, com problemas técnicos embora passassem por um bom momento comercialmente em 1988. Outrossim, segundo Dapieve (2015), Nazi, Scandurra e companhia enfrentavam discordâncias com o estúdio e sua produção na confecção do álbum *Psicoacústica*, parceria com a Warner:

Um caso de amor assim estava fadado a terminar em briga. No auge da fama, escalado para abrir o primeiro festival Hollywood Rock, em 6 de janeiro de 1988, na praça da Apoteose, no Rio, o Ira! deu um baita vexame e quase apanhou da imprensa que sempre o mimoseara. Duas razões para o fiasco: o grupo já entrou no palco nervoso porque quando chegou ao Rio encontrou o Nas Nuvens, onde deveriam ensaiar, ocupado pelos Titãs, menina dos olhos do desafeto Liminha; e o retorno do som estava péssimo. Para arrematar a catástrofe, os amplificadores foram desligados antes que o Ira! pudesse tocar “Pobre paulista”, tradicional encerramento de seus shows. (DAPIEVE, 2015, p.153).

10 A FÚRIA DOS TITÃS

10.1 A ORIGEM DA BANDA

Segundo Alzer e Marmo (2002), enquanto Geisel promovia debates a respeito da abertura política do Brasil, observado pelos movimentos estudantis, boa parte dos integrantes da banda Titãs, se conheceu no colégio Equipe em São Paulo, entre 1975 e 1980. Desse modo, nesta instituição, aconteceram suas primeiras parcerias musicais em festivais realizados por Serginho Groisman, futuro apresentador de TV.

Inicialmente, intitulados Titãs do Iê-Iê e fãs de Beatles e Tropicália, os jovens adotaram figurinos coloridos, chamativos, coreografias e arranjos que beiravam o brega ou o new wage. Em resumo, o primeiro show dos novatos ocorreu em 15 de outubro de 1982, no Sesc-Pompéia, dando início à trajetória do conjunto. Posteriormente, em 1984, produzido por Peninha, foi lançado pela Warner o primeiro LP, chamado *Titãs*, no qual havia além do

sucesso radiofônico *Sonífera Ilha*, os hits *Go Back* e *Marvin*. Entretanto, por influência da Censura Federal ainda presente no Brasil, as músicas *Charles Chacal* e *Bichos Escrotos* não foram incluídas no disco.

Em seguida, no mesmo ano em que o *Ultraje a Rigor* atingiu seu ápice comercial, os Titãs produzidos por Lulu Santos, compostos por sua formação mais conhecida do grande público, gravou em 1985, o segundo álbum, *Televisão* possuía Branco Mello (vocal), Sérgio Britto (teclados e voz), Arnaldo Antunes (vocal), Marcelo Fromer (guitarra), Tony Bellotto (guitarra), Nando Reis (baixo e voz), Charles Gavin (bateria), Paulo Miklos (baixo e voz): “Os Titãs colecionavam um show atrás do outro e começavam a chamar atenção no circuito roqueiro. Faziam uma música original, que misturava funk, reggae, bolero, punk e Odair José, e tinham uma formação atípica para uma banda de rock” (ALZER e MARMO, 2002, p.50). A canção que dá nome ao disco causou polêmica e diversas interpretações, mas a intenção era homenagear este veículo de comunicação, como explica Marcelo Fromer (1999):

Quanto a esta música em particular, vale lembrar que nós sempre fomos fanáticos por TV, e na época em que nos lançamos havia uma certa resistência de artistas contemporâneos a programas populares. Com a gente a coisa era bem diferente. Tínhamos verdadeira fascinação por esses programas, queríamos estar lá dentro, fazendo Chacrinha, Barros de Alencar, Raul Gil, Bolinha. Entre nós o assunto televisão sempre estava em pauta. Assim, quando surgimos, nossa adoração por essa história de galãs e televisão fazia com que tivéssemos em nosso repertório antes mesmo de gravarmos um disco, músicas de Odair José, Roberto e Erasmo e outros cantores que sempre vimos na TV (FROMER, 1999, p.52).

Com efeito, admirando os Beatles, sem o manter o foco na MPB e apoiados pela Blitz, bem como Marcelo Fromer, o *Ultraje a Rigor* surge em 1983, seus fundadores são: Roger Moreira, Edgard Scandurra, na época guitarrista de diversas bandas, Leospa e Sílvio. Desse modo, a Warner ficou encarregada de lançar o primeiro compacto de Roger e companhia, chegando a 30 mil cópias vendidas. Outrossim, contendo alguns hits, por exemplo *Inútil*, *Rebelde sem causa*, *Eu me amo*, *Marylou*, *Nós vamos invadir sua praia* que dá nome ao trabalho, o primeiro LP foi gravado no estúdio chamado “Nas Nuvens” do produtor Liminha, ofuscando a divulgação do competente disco *Televisão*.

Naturalmente, a banda também passaria por problemas, em 1986, o baixista Maurício foi preso com maconha, e a Censura Federal os observava desde *Marylou* e *Inútil*:

A tesoura não poda apenas a Legião. “Se você sabia” do grupo paulistano Ultraje a Rigor, ganha o carimbo “Vetado” pelo fato de oferecer “conteúdo malicioso e emprego da expressão ‘sacaneou’ de significação grosseira”. Outra composição de Roger Rocha Moreira, “Inútil”, “fere a dignidade do povo brasileiro, tachando-o de inútil, seres completamente desnecessários, segundo os censores: “A mensagem principal transmite a idéia de que a inutilidade do brasileiro configura-se na falta de poder aquisitivo da massa”, interpretam (MARCELO, 2012, p.286).

10.2 O MERCADO MUSICAL E O INÍCIO DA VEIA PUNK DOS TITÃS

Obviamente, a década de 80 ainda não possuía a atuação forte da internet, por outro lado, a rádio Fluminense FM e o espaço Circo Voador foram a grande vitrine para quem tinha pretensões de alcançar sucesso musical, nesta casa de shows passariam as mais variadas atividades culturais, entre elas, a trupe Baduendes, Caetano, Gil, Barão Vermelho. Do mesmo modo, graças à emissora, as demos de Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Biquini Cavado e etc, foram apreciadas pela primeira vez por muitos ouvintes, esta forma caseira de gravar músicas era uma saída para quem não detinha contrato com gravadoras.

Assim, as canções eram entregues a produtores e empresários para serem analisadas, tendo em vista que estes profissionais nem sempre conheciam shows de indivíduos principiantes. Nesse sentido, Rick Bonadio (2016) começou a produzir diversas bandas e assim permanece ao longo de três décadas, conhecendo instrumentistas das áreas mais distintas e lançando nomes ao estrelato, a exemplo de Mamonas Assassinas e Charlie Brown jr.. Certamente, para Rick, além do mérito, há uma espécie de predestinação que cerca tanto positivamente quanto negativamente suas apostas, sempre crítico, em 2016 ele analisa o mercado dos anos 80, no qual se fez presente:

Quem viveu os anos 1980 sabe bem que aquele era um período fértil para se ganhar grana como artista. José Sarney caiu de Paraquedas na presidência e uma das lambanças que fez foi acabar com a inflação simplesmente congelando os preços. De tudo. Dá-lhe hiperconsumo. O BRock explodiu nessa onda. Bandas como RPM venderam inacreditáveis dois milhões e meio de discos do Rádio Pirata ao Vivo. Ultraje a Rigor estourou nove hits de um disco com 11 músicas. Era bom para todo mundo. Os punks tinham sua cena, os metaleiros, o rap começou a fazer seu exército, e discos infantis da Xuxa e afins vendiam como coca cola gelada no deserto (BONADIO, 2016, p.25).

Efetivamente, a canção *Massacre* traria novos rumos para o octeto paulistano, posto que os músicos pela primeira vez revelaram seu lado punk no melhor sentido da palavra, buscaram uma unidade no meio de tantos estilos incorporados ao grupo, este hit inspiraria discos posteriores, era preenchido por guitarras pesadas, mostrava a consciência crítica que caracterizaria o grosso da carreira da banda em suas abordagens ácidas, reflexivas sobre os assuntos mais rotineiros e relevantes da sociedade brasileira:

Porém, foi “Massacre”, faixa que encerra o disco, a que mais chamou a atenção no caldeirão sonoro do segundo LP dos Titãs. Com um som vigoroso, quase um hard-core, “Massacre” apontava para uma direção que até então a banda jamais tinha testado e que acabou servindo de semente para o álbum seguinte, *Cabeça Dinossauro*. A música foi feita na casa de Marcelo Fromer, na rua Cristiano Viana, em Pinheiros, depois que o guitarrista e Sérgio Britto passaram uma tarde inteira tocando e compondo. À noite extasiados, subiram para o segundo andar, carregando seus violões, e ligaram a TV no *Jornal Nacional* (ALZER e MARMO, 2002, p.89).

Contemporaneamente, segundo Diniz e Cunha (2014), em meio à Assembleia Constituinte surgia em 1986 o primeiro álbum conceitual dos Titãs, *Cabeça Dinossauro* é considerado por seus integrantes como o principal disco da história do conjunto. Ou seja, estando nas principais listas de melhores LPs brasileiros, este trabalho deu ousadia, identidade e a vendagem (250 mil cópias) que os discos anteriores buscavam, porque até o momento era preciso trazer para o estúdio, a explosão que o grupo tinha no palco, a veia voltada para o rock e músicas que dialogassem entre si sem perder de vista a seriedade pela qual passavam os temas.

Para tanto, baladas não fizeram parte do projeto, foram substituídas por críticas a instituições consolidadas, entre as letras estão, por exemplo o hit *Polícia*, oriundo das prisões de Tony Bellotto e Arnaldo Antunes por porte de heroína, questionava a conduta de alguns policiais que nem sempre são honestos. De maneira idêntica, *Estado Violência* retratava o sentimento de revolta de quem era obrigado a conviver com a repressão ditatorial, seu conjunto de leis, detenções e torturas.

A fim de criticar o capitalismo e citar as dificuldades financeiras dos brasileiros, *Homem Primata* e *Dívidas* relatam inadimplências, instabilidade financeira, isto é, a difícil missão de viver com salários curtos:

Um dos compromissos do presidente Sarney era acabar com o alto custo de vida. Ministros e planos econômicos mirabolantes eram derrubados pelo dragão da inflação. Era o efeito do capitalismo selvagem, cantado pelo grupo Titãs em “Homem Primata” (Sérgio Britto, Marcelo Fromer, Nando Reis e Ciro Pessoa), no bolso dos brasileiros (DINIZ e CUNHA, 2014, p.139).

Embora Arnaldo Antunes fosse cristão, a composição *Igreja* de Nando Reis, permaneceu no disco, nela havia a explícita insatisfação com a postura de algumas religiões, a abordagem funcionava como uma forma de dizer que as pessoas não podem ser obrigadas a seguir doutrinas. Além disso, *Bichos Escrotos*, censurada no primeiro disco por conter um palavrão, fez sucesso no *Cabeça Dinossauro*, assim como o hit *Família*, que exemplifica o cotidiano de parentes e suas mazelas.

10.3 CONTEXTOS HISTÓRICOS DAS CANÇÕES

É evidente que os shows dos Titãs, a partir de então, possuíram muitas músicas de protesto, na maior parte das vezes foram tomados também por discursos acalorados de seus vocalistas embasados em suas convicções a respeito de política, economia e as demais questões sociais. Isto ganhou mais força com o resistente e comemorado processo de redemocratização, no qual paralelamente às gestões de Ernesto Geisel e João Figueiredo, exigia-se as “Diretas Já” em 1984, uma forma de extinguir as censuras constantes pelas quais passavam as canções segundo Grangeia (2016).

Este movimento foi fortalecido através de passeatas em que pessoas vestiam camisetas amarelas e exigiam novas emendas no Congresso, algo presente na história do país nas últimas décadas. Por outro lado, seria necessário o apoio da Câmara e do Senado para que houvesse a votação do povo no processo de escolha do presidente, boa parte do protestos queria um gestor civil, fato que não ocorria desde Jango. Desse modo, o paulistano Paulo Maluf enfrentou e foi derrotado pelo candidato mineiro Tancredo Neves ao lado do seu vice, José Sarney. Porém, Neves prorrogou o tratamento de uma infecção no abdome para se dedicar à política e rivalizar com os militares, esta negligência com sua saúde, contribuiu para sua morte momentos antes de sua posse.

Decerto, o Governo José Sarney, assim como outros, teve problemas de queda de popularidade, visto que uma de suas sucessivas tentativas de criar soluções para crises financeiras resultaram na ilusão de que tudo estava resolvido, este processo nomeado Plano Econômico Cruzado, buscava estabilizar preços, aumentar poder de compra e diminuir a

carestia que atingira 233% em 1985. Portanto, a longo prazo, a instabilidade voltaria e concebia protestos de movimentos sindicais, estudantes queimando ônibus e viaturas, sendo estes fortemente reprimidos por policiais em meados da década de 80, segundo Marcelo (2012): “No final da tarde, os primeiros conflitos, quando os manifestantes são impelidos pela polícia a deixar a Esplanada. São empurrados espancados pelas tropas da PM e do Exército” (MARCELO, 2012, p. 329).

Segundo Grangeia (2016), o Brasil ao longo de sua trajetória, passou por diversos golpes políticos. Evidentemente, à medida em que se estabelecia a independência, havia a lembrança de que esta não foi conquistada por camadas pobres e sim pela vontade da nobreza, bem como vale ressaltar a demora para abolir a escravidão, a participação militar na proclamação da República e indústrias restritas a apenas fazendeiros e autoridades locais. Além disso, em 1930 surgiu a ditadura do Estado Novo, durando quinze anos sob comando de Getúlio Vargas, e entre 1964 e 1985 os civis lutando pela volta da democracia. Contemporaneamente, eleito de forma indireta, Ernesto Geisel em 1974, atuou sendo observado por uma revolucionária abertura política, na qual a linha moderada das forças oficiais em prol do partido do governo estabeleceram a eleições indiretas para governadores de estados como primeiro passo entre outros a seguir: :

A primeira iniciativa rumo à abertura foi o fim da censura prévia à imprensa escrita, no início de 1975 - rádio e televisão seguiram vigiados. Quatro anos depois, era extinto o AI-5, algoz da liberdade de expressão desde 1968, e João Figueiredo recebia a faixa presidencial de Geisel, único a escolher seu sucessor. Na expectativa do deputado e presidente do oposicionista PMDB, Ulysses Guimarães, o fim do AI-5, a anistia decretada em 1979 e as eleições diretas para governador em 1982 seriam o tripé para a eleição direta a presidente. Ainda em 1983 foi elaborado um calendário de comícios e passeatas pela antecipação das eleições diretas para presidente, programadas para 1989 (GRANGEIA, 2016, p.30).

À medida que conviviam com o sucesso, os Titãs continuavam a parceria com o produtor Liminha, este se tornaria importante na trajetória do grupo ao se envolver em vários discos deste, entre eles, o seguinte em 1987: *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Assim, segundo Alzer e Marmo (2002), foram incorporados ao quarto trabalho, canções testadas na turnê anterior, destaque para *Comida* e *Desordem*, a primeira ressalta a importância das atividades artísticas, da educação e a outra fala de violência e os problemas atemporais no Brasil, como as irregularidades na política.

Com efeito, segundo Grangeia (2016), como uma tendência surgida da nova abertura política na gestão de Geisel, os roqueiros retrataram bem o momento ao abordarem o repúdio ao antigo lema “Brasil, ame-o ou deixe-o”, as truculências policiais, a influência dos entorpecentes, a qualidade do ensino público e extremismos, tendo em vista que ser punk tornava-se uma forma eficaz de fazer amigos, além de ser uma maneira popular de se manifestar e ter voz nas gangues e em debates políticos. Por outro lado, Legião Urbana herdaria algumas das canções do Aborto Elétrico, começando sua trajetória com uma base definida a respeito de nacionalismo, conceito que seria incorporado à carreira de Cazuza ao longo dos anos:

Cazuza e Renato exprimiram, com maior ou menor consciência, um amor à pátria – suas instituições, representantes e símbolos –, e não um nacionalismo, no qual se frisa a identidade nacional e a defesa na cultura, língua, história, religião etc. Mesmo não sendo partidários de um nacionalismo – até pela noção de interesse nacional ainda mais controversa naqueles tempos –, eles contribuíram para a construção de nossa identidade de nação. Leia-se “nação” aqui como o grupo de pessoas que o cientista político Benedict Anderson chamou de “comunidade imaginada”: limitada num território, tem soberania, seus integrantes não se conhecem um a um, mas todos compartilham a mesma imagem sobre ela (GRANGEIA, 2016, p.67).

Consequentemente, após o disco ao vivo *Go Back*, gravado em Montreux e atingindo 300 mil cópias vendidas, o quinto álbum do octeto seria em estúdio, *Ô blésq blom* por meio da música Miséria, citava a falta de recursos financeiros nos mais diversos contextos, parecia uma previsão a respeito dos equívocos do próximo presidente:

A turnê de *Ô blésq blom*, com toda a parafernália necessária para reproduzir o som elaborado que os Titãs produziram no estúdio, percorreu o Brasil impulsionada pelo sucesso na rádio de “Flores”, “Miséria” e “O pulso”. E era na estrada que a banda acompanhava os últimos acontecimentos. Na Bahia, por exemplo, onde fizeram o primeiro show depois da confusão no fim de 1988, o grupo decidiu participar de um comício de Lula. Era 9 de dezembro de 1989 e o candidato do PT disputaria oito dias depois o segundo turno com Fernando Collor de Mello, do PRN. Foi uma das poucas vezes que os Titãs manifestaram publicamente seu voto (ALZER e MARMO, 2002, p.178).

Segundo Grangeia (2016), seguindo algumas ideias de Sarney e substituindo-o, assumiu Fernando Collor. Este resgatou a moeda cruzeiro e a colocou no mercado em um novo plano econômico, resultando em embargos nos salários e preços, o fim de algumas estatais, problemas no PIB e aumento do desemprego. Decerto, tais circunstâncias provocaram reações rebeldes, sobretudo o bloqueio de contas que deixou muitos cidadãos sem acesso a altas quantias de dinheiro. Além disso, em 1990 a base conservadora torna-se admiradora de músicas sertanejas, a mídia logo deu ênfase às violas, enquanto as guitarras do rock vão à margem, com seus instrumentistas vistos como esquerdistas, segundo Dapieve (2015), a imprensa ocultou o rock com o apoio de Collor.

Assim, a derrocada que atingiu o chefe do poder Executivo começou quando foi estabelecida uma CPI, em que PC Farias, seu aliado, estaria envolvido em um esquema de corrupção que repassava vantagens ao gestor, a conclusão da investigação foi o estopim para que o governo não só perdesse diversos apoios, inclusive de meios de comunicação, mas também para que fosse exigida a substituição do governante por meio da emblemática frase “Fora, Collor”, um prato cheio para a juventude desabafar e fazer canções, como afirma o produtor musical Bonadio: “Mesmo na época mais complicada, quando o Fernando Collor foi eleito presidente, colocou a Zélia Cardoso de Mello para tocar a economia e congelaram a caderneta de poupança, não parei” (BONADIO, 2016, p. 35).

Naturalmente, para Dosse (2015), há peculiaridades ao se relatar feitos ou características de políticos, levando-se em consideração o que seria vida pública ou pessoal, posto que a prioridade deve ser dada ao teor político abordado nos discursos:

O biógrafo deve levar em conta essa especificidade e observar de mais perto o jogo da competição política, escrevendo “uma biografia antes de tudo política” e adaptando assim seu olhar ao tipo de atividade do sujeito biografado. Como o homem político insiste em fabricar uma imagem pública, é esta que conta acima de tudo. As particularidades de sua equação pessoal ficam em segundo plano com respeito ao campo das representações coletivas e das práticas induzidas pela eficácia de sua imagem (DOSSE, 2015, p.315).

10.4 A RELAÇÃO DAS MÚSICAS BRASILEIRAS COM O ERUDITO E O COMERCIAL

Por meio de rock, samba-canção, bossa nova e tropicália no século XX, a identidade brasileira obteve na música a maior expressão artística para ser sua aliada, posto que o processo criativo de 1930 a 1960 adaptou influências britânicas, assim como formou-se uma

sequência de ritmos autorais. Desse modo, destacaram-se a melodia suave e urbana do samba com a menos emotiva batida criada por João Gilberto que mais tarde seria famosa internacionalmente, segundo Veloso (1997).

Desse modo, houve o ritmo contestador que colocava em oposição o erudito em detrimento do comercial, os sons da cidade e do campo com o aparente desenvolvimento produzido no governo JK. Em suma, os Titãs, frutos desses nichos artísticos, sobretudo inspirados em tropicalistas tal como nas mais variadas formas de compor, o que geraria segundo as teorias de Adorno (2002), diversificação em seu conteúdo musical após sua identidade explosiva, quando lançaram competentemente, baladas e os pesados álbuns *Tudo ao mesmo tempo agora* (1991) e *Titanomaquia* (1993), este sem a presença de Arnaldo Antunes:

A verdadeira profundidade do talento supõe que o compositor se atenha a dois aspectos: à expressão de um conteúdo indeterminado, de um lado, e de outro à estrutura musical, até na música instrumental. Então estará pronto a dar sua preferência à melodia, à profundidade e às dificuldades da harmonia, aos elementos característicos, e sempre lhe restará a liberdade de fundir estes elementos (ADORNO, 2002, p.23).

Embora as canções *Será que é isso que eu necessito* e *Nem sempre se pode ser Deus* não fossem propriamente comerciais ao promoverem críticas ácidas a comportamentos ociosos e citassem ironicamente, temas religiosos, tiveram boa repercussão na MTV em 1993, gerando alto alcance nas rádios brasileiras. Outrossim, o produtor Jack Endino chegou a divulgar *Titanomaquia* nos EUA, porém não obtendo o mesmo êxito

Em conformidade, em 1995 chegava às lojas o álbum Domingo dos Titãs, apesar de ter uma levada bem mais suave que o punk, havia letras de impacto, entre elas, estava a canção *Eu não aguento*, um relato a respeito das abordagens policiais. Assim, nos primeiros 3 meses o trabalho chegou a 150 mil cópias, tornou-se uma boa base de vendas para o sucesso que seria o *Acústico MTV*, lançamento seguinte que venderia estrondosos 1,7 milhão. De maneira idêntica, o *Volume Dois* foi gravado em 1998 com arranjos de violão, mantendo a sonoridade e uma boa comercialização, tanto que em seguida o grupo optou por fazer regravações de outros artistas novamente voltados para guitarras leves no LP *As dez mais*.

Em 2001, o CD *A melhor banda de todos os tempos da última semana* abordava temas relacionados ao Brasil, por exemplo o cotidiano de trabalhadores e o sucesso passageiro de

bandas que são idolatradas ao produzirem hit e logo depois caem no esquecimento. Por conseguinte, o *Como estão vocês?* emplacou sucessos como Enquanto houver sol e *Isso*, destaque para as canções *KGB*, esta relata o cotidiano de ex-torturadores, ex-presidentes, e *A guerra é aqui*, um esboço da violência no Brasil e os preconceitos que o cercam.

Em seguida, *Titãs ao vivo MTV* trazia a inédita *Vossa Excelência*, uma crítica direta e agressiva ao escândalo dos políticos brasileiros no chamado Mensalão (espécie de sistema de compras de votos) de 2005, tornando-se canção fundamental nos shows da banda. De fato, *Sacos Plásticos*, álbum de 2009, ganhou o Grammy Latino de melhor álbum de rock, em *Amor por dinheiro* o grupo volta a falar de capitalismo, o conjunto tem tradição de abordar os mesmos temas de maneiras novas e retomou as raízes punks e a ideia de lançar um disco conceitual em 2014, por exemplo a canção *Fardado* do álbum *Nheengatu*, fala da ação da polícia nos protestos brasileiros de 2013.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde seu surgimento, o rock ditou moda em sua maneira peculiar de utilizar roupas pretas e lidar com ideais subversivos, John Lennon por exemplo, era engajado em causas sociais, o ritmo movimentou a música negra, trouxe formas variadas de compor canções, sofreu censura desde sua origem, chegou aos ambientes universitários, aos teatros, unificou o pensamento de indivíduos oriundos de diferentes classes sociais, promoveu festivais, jornais, programas de TV e rádio, deu início à sua reivindicação de direitos com grupos como The Who .

Assim, é possível através da relação entre História e Música, compreender alguns fatos que ocorreram no Brasil ao longo dos anos, ou seja, os mais diversos problemas enfrentados por políticos e demais cidadãos, por exemplo, as rotineiras crises financeiras representadas nas músicas da banda Titãs ao lado de outros temas polêmicos em todos os seus discos durante 3 décadas, reafirmando a identidade brasileira por meio de hits cantados em português. Por outro lado, para perceber o envolvimento dos consumidores com letras de protesto, foi necessário entender a chegada do rock ao Brasil nos anos 60, o debate entre o popular e o erudito, bem como a força da bossa nova, os trabalhos de Raul Seixas, a Jovem Guarda e a Tropicália no momento em que os cidadãos passaram a dar mais atenção a aspectos políticos, literários ou intelectuais nas canções.

Além disso, por meio das referências consultadas para a feitura deste artigo, foi possível perceber a trajetória das bandas de rock, seus altos e baixos, envolvimento com drogas, discursos em busca de melhorias nos países. Desse modo, Secos e Molhados, Mutantes, Barão Vermelho, RPM, Paralamas do Sucesso, Titãs entre outros, tornaram-se midiáticos e sucesso em todo o Brasil, gerando estudos a respeito de seus lançamentos. Certamente, a década de 1980 representa para intelectuais uma infinidade de fontes e temas referentes às artes, ideologias, sexualidades, tendo em vista seu legado até os dias atuais. Desse modo, jovens passam a ter contatos com os mais diversos acontecimentos históricos, ao simplesmente ouvirem discos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Filosofia da nova música*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva 2007.
- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- ALZER, L. A.; MARMO, H. André. *A vida até parece uma festa: toda a história dos Titãs*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BARCINSKI, André. *Pavões misteriosos: 1974-1983: a explosão da música pop no Brasil*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- BONADIO, Rick. *30 anos de música*. São Paulo: Seoman, 2016.
- DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- DINIZ, A.; CUNHA D. *A república cantada: do choro ao funk, a história do Brasil através da música*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- FROMER, Marcelo. *Você tem fome de quê?: toque as músicas e faça as receitas*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1999.
- GRANGEIA, Mario Luis. *Cazuza, Renato Russo e a Transição Democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- HEWITT, Paolo. *50 fatos que mudaram a história do rock*. 1. ed. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2013.
- MARCELO, Carlos. *Renato Russo: o filho da revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
- MORAES, Marcelo Leite de. *Revoluções por minuto*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- VELOSO, Caetano. *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEBGRAFIA

ARTIGO

- CASTANHO, Ivi Matos. *O rock brasileiro e sua participação na identidade cultural paulistana*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. [Orientadora: Profa. Dra. Joana Rodrigues].
- TITÃS: a vida até parece uma festa. Direção: Oscar Rodrigues Alves e Branco Mello, Produção: Angela Figueiredo. São Paulo: Warner Music, 2009, DVD.